

EDUCAÇÃO INFANTIL: FACES DO CUIDAR, EDUCAR E O BRINCAR

Jeane Melriele Rodrigues Ferreira

Universidade Federal do Acre – UFAC, jeanemelriac@gmail.com

Giane Lucélia Grotti

Professora Adjunta da *Universidade Federal do Acre – UFAC*, Centro de Educação, Letras e Artes,
gianegrotti@uol.com.br

RESUMO: A Educação Infantil se constitui como a primeira etapa da Educação Básica, e se diferencia do Ensino Fundamental, por possuir particularidades próprias, sendo elas: o cuidar e o educar. Uma das discussões referente a essa etapa educacional é o entendimento de que a educação Infantil não se estabelece como um degrau para a etapa seguinte ou mesmo com o intuito de alfabetizar a criança. Este estudo tem como objetivo relatar experiências vivenciadas no momento da realização do componente curricular do Curso de Pedagogia da UFAC, o Estágio Supervisionado I. Destacando os aspectos que envolveram a rotina, atividades e práticas das professoras de Educação Infantil. Para tanto, foi adotado o método de abordagem qualitativa de natureza exploratória, pesquisa de campo e, para a coleta dos dados foi utilizado a observação do cotidiano da escola e registros escritos. Os resultados obtidos revelaram que a organização e gestão da escola influenciam na rotina, nas atividades e na prática pedagógica das professoras. Verificamos que os conceitos estabelecidos nos Documentos Oficiais quais sejam: o cuidar, educar e o brincar estavam presentes em diferentes contextos. Foi identificadas práticas totalmente diferenciadas entre as duas escolas e professoras. As observações revelaram rotinas diferenciadas entre as escolas. Na escola identificada como 1 apresentou uma organização que respeitava as especificidades das crianças e estava em consonância aos documentos oficiais. Na escola identificada como 2 estabelecia uma rotina rígida, onde o cuidar e o educar não era internacionalizado ou mesmo proposta na rotina escolar.

PALAVRAS-CHAVES: Cuidar Educar e o Brincar, Educação Infantil, Prática Pedagógica, Rotina.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da experiência de Estágio Supervisionado I¹, em escolas de Educação Infantil, salas de 4 (quatro) anos, no Município de Rio Branco – Acre, no qual possibilitou observar, analisar as práticas desenvolvidas pelas professoras, a rotina estabelecida para as crianças e suas respostas para cada atividade propostas à elas. E nos momentos de Docência vivificar experiências na qual teoria e prática se misturam na ação pedagógica. O que Santos ([s.d.] p.2) diz ser “um dos objetivos centrais do Estágio Curricular é ser um espaço de construção de aprendizagens significativas no processo de formação dos professores”.

¹ Componente curricular do Curso de pedagogia da Universidade Federal do Acre – UFAC. Cursado no 6º período.

Deste modo, o presente estudo tem por objetivo relatar experiências vivenciadas no momento do Estágio Supervisionado I. Destacando os aspectos que envolvem a rotina, atividades e práticas das professoras de educação Infantil.

A observação² e docência³ das aulas aconteceram em duas escolas distintas⁴, no decorrer do artigo utilizaremos o termo “escola 1” e “escola 2” quando for para diferenciar algumas práticas observadas e vivenciadas nestas instituições. De igual modo faremos um paralelo entre as escolas no que diz respeito às suas práticas pedagógicas, sua rotina e atividades.

Algumas inquietações foram surgindo ao longo das observações, como o porquê de escolas com o público infantil na mesma faixa etária, tendo como base o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e a mesma Proposta Pedagógica para as Escolas de Educação Infantil do Município de Rio Branco-Acre (2011), possuem práticas, métodos e formas de agir tão diferenciadas? Até onde a Educação Infantil conseguirá manter sua especificidade de “cuidar e educar” tendo com foco o brincar?

2 METODOLOGIA

Este trabalho utilizou-se da análise metodológica de natureza qualitativa, o que permite uma análise mais completa. Nessa abordagem:

a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (PRODANOVE E FREITAS 2013, p. 70)

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa seguiu as seguintes etapas: a primeira consistiu numa pesquisa bibliográfica em artigos científicos e documentos reguladores da Educação Infantil, também material teórico para dar embasamento aos conceitos de prática pedagógica, bem como apoio atividades diversas e a rotina. Assim, a pesquisa é do tipo exploratória, pois visa “proporcionar maior familiaridade com o problema.”. (PRODANOVE E FREITAS, 2013, p. 127)

Em seguida, para maior aproximação do objeto de estudo, foi realizado o Estágio na escola, caracterizando-o como pesquisa de campo, que se deu em dois momentos: primeiro a Escola 1 situa-se no 2º Distrito de Rio Branco – Acre, um bairro tradicional do Município. A

² Observação: período em que o estagiário entra em contato com a sala de aula e as crianças, se familiariza com a rotina da sala e com as especificidades das crianças.

³ Momentos em que o estagiário experimenta a prática docente propriamente dita.

⁴ Por motivos alheios a nossa vontade, no decorrer do estágio supervisionado houve a necessidade do grupo de estagiários mudarem a instituição objeto de intervenção.

escola possui uma estrutura nova devido uma reforma recente, seu público alvo são crianças do mesmo bairro e adjacências o que abrange áreas com características de periferia. Os espaços de uso da escola são de boa qualidade, incluindo o parquinho, banheiros, refeitório, no entanto, as salas de aula não possuem climatização e nem uma boa ventilação, deixando a professora e as crianças agitadas devido ao calor;

No segundo momento, a Escola 2 localizada no 1º Distrito do Município, caracterizado como um bairro de classe baixa a média, com ruas pavimentadas. A escola possui uma boa estrutura física externa e interna, com pátio para recreação (porém, sem brinquedos característicos de um parque) e quadra de esportes (durante período de Estágio, este espaço não foi utilizado).

As observações e o momento de Docência se deram nos meses de Novembro a Dezembro de 2016. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se da observação, diálogo e o registro escrito. A terceira parte consistiu no tratamento e análise dos dados coletados utilizando o seguinte referencial teórico: Cerisara (2002) Freire (2008) Kishimoto (1999) Santos (2016); Souza (2017) e documentos oficiais da Educação Infantil.

3ALGUNS APONTAMENTOS

As crianças têm seu jeito próprio de se expressar e na maioria das vezes é interpretado por (nós) adultos, como indisciplinados ou sem educação, são adjetivos próprios de adultos sendo empregados às crianças. É comum não ser considerado que elas ainda vão passar por todo um processo de construção e aprendizado, acomodação social.

Estudos e pesquisas sempre trazem o que adultos pensam sobre as crianças e nunca o que elas realmente estão falando, sentindo e levando em consideração, suas expressões, etc. De acordo com Cerisara, Oliveira, Rivera e Batista. (2002. [s.n.]

É preciso, portanto, repensar o foco do trabalho pedagógico nas instituições de educação infantil, que tem sido centrado muito mais na prática dos adultos do que nas práticas das crianças. Não estamos dizendo que um deva se sobrepôr ao outro, mas sim que devemos incluir em nossas reflexões sobre a educação infantil um aspecto fundamental – os direitos das crianças de serem consultadas e ouvidas [...]

Compreender que as crianças possuem uma linguagem específica, – que lhe são própria – modos de se comportarem em grupo, diferente de um comportamento individual ou quando estão com um familiar é importante para que a criança expresse suas vontades e necessidades. Dessa forma, é preciso entender que a criança não é uma “tábua rasa” onde os educadores imprimem seu próprio ponto de vista. Essa compreensão de criança na Educação Infantil exige que a prática pedagógica da professora seja permeada pelas dimensões do “educar e do cuidar”,

sem arremeter-se a ação assistencialista, compensatória, de cunho preparatório para a vida ou mesmo para o Ensino Fundamental.

A escola de Educação Infantil é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas educativas que ampliem o conhecimento que a criança tem do mundo que a cerca. (ACRE, 2012, p. 10)

No trabalho de Souza (2008, p. 20-25) traz a discussão da “intrincada” relação entre Educação Infantil – primeira etapa da Educação Básica – com o Ensino Fundamental, na existência de uma subserviência de uma etapa à outra. Esta autora procura demarcar o que de fato é particular da Educação Infantil, ou seja, há uma “pedagogia da infância” compreendida nas ações “indissociáveis entre cuidar educar” e, ainda situar um fio condutor entre essas duas etapas da Educação Básica, pode ser traduzido num “projeto de formação humana”.

Nesse sentido, as orientações da Proposta Pedagógica para as escolas de Educação Infantil Rio Branco – ACRE (2012) vão na direção do planejamento de situações que envolvam: a higiene e alimentação; brincadeiras; interação com outras crianças em idade diferentes. O que preconiza práticas, conteúdos e metodologias específicas para o desenvolvimento integral da criança.

Essa discussão nos remete a alguns apontamentos que queremos trazer para este trabalho em relação às observações realizadas tanto na Escola 1 quanto na Escola 2. Aão escolas que recebem o público com a mesma faixa etária (crianças de 4 a 5 anos, ambas as turmas possuem um grupo de 20 a 22 crianças). A oportunidade surgiu para observar duas turmas de educação Infantil de 4 anos, e analisar suas rotinas da sala de aula, atividades, e a prática pedagógica da professora. Apesar de se tratar de duas turmas de Pré I identificamos bastante diferenças no que diz respeito aos aspectos que correspondem a rotina como um todo, tanto na sala de aula quanto nos espaços da escola.

A começar pela acolhida: aconteciam de modo bem diferenciado: Na Escola 1 as crianças ao chegarem eram recepcionados pela professora já na sala de aula e levados para o momento de brincar e interagir com as outras crianças, isso se dava das 13h:00 até às 13h:30min. A professora aproveitava esse tempo para fazer a agenda no quadro e organizar o material que seria utilizado no dia; Na Escola 2 as crianças eram recepcionadas no pátio pela coordenadora ou outra funcionária da escola, ficavam em filas ombro a ombro, faziam a oração e eram encaminhadas para sala de aula – remetendo a uma prática comum no Ensino Fundamental. Na sala de aula eram distribuídos brinquedos aleatoriamente, nunca seguia o que estava na rotina para aquele dia – os brinquedos eram sempre os mesmos ou jogos de montar Lego ou carrinhos que eles traziam, as meninas era maquiagem (trazida por uma das alunas).

A fila se dava de formas diferentes também: A fila na Escola 1 era mais flexível, nos momentos da higiene e do lanche. A professora pedia para as crianças se juntarem em duplas e caminhar junto dela; do contrário da escola 2 que tinham filas bem rígida.

Não foi observado o aspecto das mesinhas enfileiradas na organização da sala nas duas escolas, no entanto, a organização na Escola 1 era mais flexível do que na 2, posto que na primeira as mesas eram distribuídas pela sala, onde as crianças chegavam e iam sentando aleatoriamente. Na Escola 2 as mesas eram dispostas quase como em duas filas e ali permanecia durante toda a rotina. Os alunos chegavam e escolhiam o lugar de sentar, separando-se meninos de meninas, não observei nenhum momento a professora tentar outra abordagem ou mesmo uma interação maior. Essa separação pode ser algo natural, por afinidade ou mesmo um reflexo da cultura social/familiar.

Com base na discussão apresentada por Kishimoto (1999) sobre esse domínio das filas na rotina escolar que é marcado por um organização militar que cerceia a autonomia das crianças, organizando-as do menor para o maior, quem termina no lanche primeiro precisa esperar o outro, a divisão de meninos e meninas nas filas. É uma discussão antiga, mas muitas de suas inquietações são bem pertinentes atualmente

A criança é um ser social, que se desenvolve pela interação com outros seres humanos, portanto, ampliar suas possibilidades de interação, em situações de diferentes naturezas, contribui para a sua formação. (ACRE, 2012, p. 19)

A escola deve ser esse espaço onde as crianças encontram mecanismos para se desenvolverem, para ampliarem seus conhecimentos sobre o social, o outro, sobre si e sobre o mundo físico. A escola com esse aparato de conhecimentos deve proporcionar esses momentos à criança respeitando seu espaço, sua idade série, do contrário, a própria escola impõe essa quebra na fase da criança, e anula sua autonomia. É uma linha muito tênue entre esses processos.

Outro aspecto observado diz respeito ao planejamento. O ato de planejar as atividades evita improvisações: uma prática não planejada é um desrespeito com as crianças, e com o seu processo produtivo e criativo. Quando isto acontece há o entendimento a Educação Infantil é um espaço de depósito de crianças apenas para pais poderem trabalhar e ter um lugar para colocar seus filhos. O que não é!

O desafio que Freire (2008) aponta é como planejar e encaminhar atividades que respeite a autonomia da criança e satisfaça sua sede de conhecimento, ao mesmo tempo desenvolva seu sua criatividade. Dentro dessa perspectiva o professor tem e deve se instrumentalizar para que o conhecimento aconteça, e isso não se dá somente na perspectiva do aluno, mas também do

professor, quanto mais ele se prepara mais aprende sobre as crianças pequenas e sua prática não se torna autoritária, mas emancipadora.

Do contrário, incide na discussão de Freire (2008) e Ramos [s. d.] apesar de contextos diferenciados; longe de compreender as atividades de brincadeiras, histórias, desenhos, como livres e soltas sem menor ação pedagógica, servindo apenas para manter a criança longe das ruas, a escola apenas para manter as crianças enquanto os pais estão trabalhando.

Mais um outro ponto importante a ser destacado é a rotina, ela não deve ser vista como uma “camisa de força” (RAMOS, [s.d.] p. 6) para as crianças ou professoras, contudo, deve-se evitar o mal planejamento ou deixar as crianças com “tempo de espera” além do necessário (KISHIMOTO, 1999, p. 4). Quando isso acontece há um desgaste muito grande da professora visto que fica chamando atenção das crianças.

Foram acontecimentos constantes na Escola 2, a incidência de tempo livre extrapolando mais de uma hora ao final da aula. O que estava acontecendo? Analisamos a rotina da professora da Escola 1, verifiquei o tempo das aulas e como o seguimento estava dentro do tempo previsto. Ao analisar a rotina da Escola 2 e identifiquei que as atividades propostas não supriam os horários disponíveis. A professora jogava brinquedos no chão e as crianças ficavam cerca de 01h: 20min correndo nos quatro cantos da sala, disputando brinquedos, conversando todos ao mesmo tempo e acabavam aos gritos e choro. A professora alterava a sua voz para poder ser ouvida, e o cansaço em sua voz era perceptível.

Apesar da Proposta Curricular para a Educação Infantil (2011) trazer a indicação de como o brincar incentiva a criatividade, imaginação, contribuem para o desenvolvimento da criança, não observei uma pedagogia nesse momento, nenhuma intencionalidade ou interesse pela autonomia da criança. O brincar nesse momento era apenas para preencher um espaço. Contudo, a criança é um ser dotado de suas particularidades e autonomia intelectual, sendo capaz de transformar esse momento em proveitoso.

Ficou evidente essa diferença entre as rotinas das duas escolas; apesar da Escola 1 não me parecer ter uma rotina rígida não existia esse tempo de espera prolongado. Ao final da aula ela sempre reservava alguns minutos para as crianças se acalmarem e relaxarem antes de voltarem para casa.

Outro ponto que merece atenção são as atividades que envolvem o brincar, movimentar-se, e interagir. Os momentos de brincadeiras da Escola 1 causavam fascínio pela pedagogia empregada, bem como pela intencionalidade do brincar: o parquinho era bastante aguardado pelas crianças, separado na rotina 40min e sempre era no último horário devido eles ficarem bastante sujos, suados e cansados. O parquinho era esse momento para brincar sem qualquer

interferência da professora. No espaço tem escorregador, balanço, gangorra e campinho de futebol. Seguindo ainda pelas brincadeiras o pula-pula também era esperado com ansiedade.

Os horários chamados de “movimento” na Escola 1 eram sempre com música ou brinquedos, as vezes em sala de aula outras no pátio interagindo com outras turmas, as professoras combinavam de cada uma levar um tipo de atividade para aquele momento, poderia ser massinha de modelar, bolha de sabão (eles gostavam muito) e caraoquê. Quando se dava dentro da sala de aula era com música, a professora cantava com eles, interagia, dançava e pulava. Uma prática muito boa.

Na Escola 2 não foi observado nenhum momento deste descrito acima, o parquinho também era aguardado, mas no espaço não havia brinquedos. O único momento em que ocorria música e dança era quando tinha ensaio para a apresentação no dia do encerramento. Nesse momento, era visível o desânimo das crianças, elas demonstravam não gostar da música escolhida pela professora, falavam que era chata. Onde o ouvir a criança, pedir sua opinião faria toda a diferença nessa prática. Outra coisa chamou atenção nesses momentos, foi: a professora mandava eles se sentarem no chão e ela sentada na cadeira e dali seguia o ensaio, apenas alguns movimentos com as mãos. Poderia ser este aspecto que os deixavam desestimulados?

Outra diferença na rotina entre as escolas, na Escola 2, não existia tempo destinado ao ateliê. O momento de ateliê é onde a criança entra em contato com diversos tipos de materiais, interage com outras crianças de outras salas, entra em contato com a arte, logo tem-se a liberdade de criatividade e experimentação. O que Ramos ([s.n.] p.9) salienta ser “preciso que o educador possa não apenas estabelecer relações de cuidado com as crianças pequenas como também de aprendizagem”. A intenção aqui é trazer a discussão para aquele momento em que a criança aprende brincando e o professor observa como elas aprendem? Como se dá esse processo? Quais as brincadeiras ou brinquedos que as crianças mais gostam e se desenvolvem mais? Se não tem esse momento, como o professor vai obter respostas e mudar sua prática ou saber que ela está sendo boa para a criança, em seu processo de desenvolvimento.

Uma outra atividade observada foi o momento de pintura que sempre se dava após o trabalho de linguagem oral e escrita o que também demanda um momento de aprendizagem, através da produção de imagens de objetos ou retratando certas situações do cotidiano ou representando a história que acabaram de ouvir ou o texto trabalhado pela professora. Essa atividade foi bem utilizada nas duas escolas. A Proposta Curricular (ACRE, 2011) diz que essa é uma boa forma de avaliar se as crianças estão construindo seus conhecimentos relacionados ao eixo temático estudado.

É importante ao montar uma rotina a professora levar em consideração as particularidades das crianças, regras rígidas de comportamento se tornam impróprias até para os adultos quem dirá para crianças que estão descobrindo a cada momento algo novo. O diálogo, a participação da criança nos momentos de decisão da aula, na montagem da rotina é sempre importante para que ela não fique alheia a construção do seu tempo. E que essa rotina não venha ser uma imposição do adulto sobre a criança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Atividades desenvolvidas na Escola 1 e Escola 2

De acordo com Veiga (1993, p. 81) a prática pedagógica é orientada por uma “finalidade, objetivos inseridos no contexto dessa prática” [...], desse modo, “a prática é a própria ação guiada e mediada por uma teoria”. As atividades desenvolvidas tanto dentro da sala quanto em outros espaços da escola, são ações pensadas e planejadas pela professora, na qual sua metodologia dele levar em conta as particularidades das crianças e o contexto em que elas estão inseridas. Essas práticas podem contribuir com desenvolvimento completo da criança respeitando sua natureza, estas devem estar entrelaçadas com os aspectos do cuidar, educar e do brincar e devem fazer parte da roda de conversa, contagem, calendário, leitura, higiene, dança e música e outras atividades que compõe a rotina escolar. Nesse sentido serão discutidas a seguir situações/atividades observadas.

1- Atividade referente ao projeto Influências Culturais Africanas e Indígenas desenvolvido na Escola 1. Por meio a roda de conversa com as crianças sobre a temática, alguns pôsteres com imagens de pessoas negras e seu estilo de vida, modo de se vestir, penteados diversos, culinária e música foi apresentado as crianças. O objetivo é ampliar o conhecimento sobre diferentes culturas, modos e raça. Trabalhado dentro do eixo: natureza e sociedade.

A discussão decorrida daí foi bem interessante, perguntas como: se as crianças achavam bonito o estilo do cabelo, os instrumentos musicais, as roupas? Muitas crianças falavam que sim, lembravam que tem uma colega com cabelos enrolados, que era lindo. Uma criança disse que não achava bonita essas pessoas, surgiu o questionamento do porquê, e ele respondeu que era por causa da cor delas, que ele não achava bonita, no entanto, era uma criança de pele negra. Ao ser questionado sobre a cor de sua pele, em sua resposta diz ser da cor “branca”. Várias discussões poderiam vir daí, trabalhar sobre todas as cores, mas a professora não prolongou o debate.

2- Uma das atividades da Escola 1 exigia da criança separar letras de números. Aparentemente simples, para a criança tem seu grau de dificuldade, no qual os problemas vão

sendo apresentado a elas. Diante da dificuldade a criança vai lançar hipóteses para tentar resolver o problema, aquilo que ela ainda não sabe. Quando eles terminaram, foi perguntado a elas quais eram as letras e quais os números. A maioria já sabiam diferenciá-los, depois trabalhei a noção de quantidade e fomos contando juntos e colocando a quantidade de letras no local marcado. As crianças gostam dessas oportunidades de participarem com liberdade.

3- Atividade de Matemática: trabalhando a sequência numérica. Foi utilizado fichas com números, primeiro foi representado no quadro, depois desenhado um trem na ordem e depois com os números em desordem para trabalhar com eles a sequencição. Depois a brincadeira foi: cada criança seria um vagão do trem, no qual era preciso ficar na sequência crescente dos números. O inesperado dessa atividade foi que eles pegaram as plaquinhas e colocaram na sequência que já estavam representado no quadro. Muitos abstraíram essa lógica da sequência. As crianças brincaram pela sala em fila, como os vagões do trem, e cantando cada número, no final, o trem fazia o som “POM, POM”.

4- No primeiro dia na Escola 2 estava sendo finalizado um projeto relacionado com a leitura dos alunos, tinha por objetivo ler mesmo que não convencionalmente. Esta atividade fazia parte de um projeto de leitura que estava sendo desenvolvida na escola. As crianças sentavam num tapete montado e pegavam os livros para fazerem a leitura. Elas escolhiam o livro, passavam o dedo sobre a escrita e faziam uma (representação) da leitura, alguns livros somente eram possíveis a leitura das imagens. Ao sentar no chão e começar a conversar com algumas crianças logo elas pegaram um livro e começaram a lê-lo, foi muito bom ver e ouvir a criatividade e imaginação das crianças com os livros. Isso leva a discussão de produção textual, não é preciso ler convencionalmente, pensar e construir mentalmente já está produzindo.

5 -No eixo linguagem oral e escrita foi trabalhado algumas situações: Leitura e interpretação oral de um poema (A estrelinha do Natal) : **ESTRELINHA DE NATAL/CAIA DO CÉU ESTRELINHA/CAI AQUI NO MEU QUINTAL/SEJA MINHA COMPANHIA/NESTA NOITE DE NATAL.**

O resultado dessa atividade foi bem produtivo, percebi atenção das crianças com o assunto. Toda a atividade aconteceu numa roda de conversa. Após o registro das palavras escritas no quadro e a escrita do nome no caderno, puderam fazer a ilustração.

6 - No eixo Natureza e Sociedade foi trabalhado da seguinte maneira: relato pessoal sobre o que sabe sobre a festa do natal. As crianças foram postas na roda e fizeram relatos sobre a festa natalina. Para esta atividade a fim de trabalhar com algo concreto foi confeccionado uns portfólios para eles verem e formar seu próprio conceito a respeito da temática trabalhada.

Os recursos visuais utilizados são uma ótima estratégia para reter a atenção das crianças. Elas querem pegar, olhar, conversam sobre o material. As atividades com as crianças pequenas

deve ser mais atrativa devido a própria imaginação da criança e o tempo que ela consegue ficar concentrada. Trabalhar apenas com a voz, giz e quadro cansam o professor e as crianças. As crianças ficavam falando dos desenhos que “eram lindos”, que o “Papai Noel estava tão lindinho”. A ideia foi colocar um portfólio para elas poderem visualizar e produzir seu próprio desenho.

Levar o desenho representando o Natal com a estrela amarela foi algo extraordinário: trouxe resultados muito positivos, inclusive com crianças que não gostam de estar na sala, correm na sala durante todo o horário, se jogam no chão da sala e do pátio da escola, não interagem com os colegas, brigam pelos brinquedos e não participam das atividades. Neste dia uma dessas crianças em especial fez o desenho e participou das demais atividades. A partir de um elogio ao seu desenho, ele mesmo disse que seu comportamento estava nota dez e se deu parabéns.

7 - Matemática (Problemas simples para cálculo mental): A proposta dessa atividade era trabalhar com os conceitos de soma, subtração e quantidade, mas com recurso visual para as crianças é melhor. Dessa forma foi trabalhado com a coleção de tampinhas.

Com as crianças sentadas na sala em forma de “U” virado para o quadro, foi entregue as tampinhas, 3 para um aluno, foi sendo acrescentado (somando) ou subtraindo (tirando) e sempre foi perguntado quanto deu. De forma bem simples trabalhando os conceitos de adição, subtração e quantidade, algo que faz parte da vida das crianças, no qual elas mesmas podem estar desenvolvendo esse conhecimento. Foi bem produtivo eles discutiam para ser sua vez.

Essa atividade levou mais tempo do que o previsto, mas a participação das crianças foi garantida, mantiveram o tempo todo concentradas tentando contar e desenhar o número que buscavam na tabela. O objetivo da atividade não era alfabetizá-las, mas sim que elas começassem a se familiarizar com os conceitos de soma, quantidade, total que são situações que se encontra no dia a dia, até mesmo saber dizer a própria idade e representar a quantidade nos dedos.

8 – A leitura feita pela professora: Essa é uma atividade bem interessante para realizar com as crianças, se bem planejada. As crianças estavam cansadas e fadigadas e esse momento seria bem prazeroso para elas e, realmente foi. Durante a observação foi evidenciado crianças dispersas no momento de leitura e foi buscado algumas soluções, alguns recursos visuais e sonoros foram incorporados para incentivar a imaginação das crianças. Para chamar a atenção e evitar tons de voz mais elevado foi utilizado alguns instrumentos musicais como recursos, a exemplo: pandeiros, chocalhos. O interessante que nesse processo elas prestavam a atenção nesse diferencial.

As crianças mantinham concentração e atenção muito grande nesse momento de leitura, todas as perguntas que fazia eles levantavam as mãos e respondiam (isso já tinha sido bem combinado), a interação e o respeito é muito importante, esperar a fala do outro para poder se manifestar.

5 CONCLUSÃO

As atividades mais simples devem passar por planejamento criterioso, como realização de leituras (livros ilustrados ou com a linguagem escrita) que é ótimo para despertar a imaginação das crianças. Dialogar sobre a leitura e oportunizar expressões sobre o assunto, através de perguntas e respostas a criança ampliando seus conhecimentos acerca do mundo. A linguagem oral e escrita serve para inserir as crianças em contextos sociais distintos e interagir com outras pessoas, sem falar que é uma forma prazerosa de adquirir conhecimentos. A criança está em processo de formação moral, social, educativa e a escola é este local privilegiado para a construção desses processos onde a criança desenvolve sua identidade. (ACRE, 2012)

Todas as atividades foram planejadas e preparadas, no entanto, a professora deve ter a sensibilidade de estar lidando com crianças e nem sempre o que ela preparou numa rotina vai sair meticulosamente do jeito planejado.

De fato, planejar atividades diariamente não é tarefa fácil, pois exige tempo e disponibilidade da professora. No entanto, não se deve manter uma rotina rígida e nem sem atrativos para as crianças. A escola faz parte de um conjunto que envolve professores, coordenadores e alunos, por esse motivo deve haver maior diálogo entre essas instâncias para coexistir uma prática que respeite as particularidades das crianças.

Foram duas escolas com a mesma faixa etária, porém apresentaram práticas diferenciadas, rotinas e métodos distintos, não só das professoras, mas também da organização escolar, no qual pôde ser traçado um elo de ligação entre as práticas escolares e das professoras para o equilíbrio do “cuidar, educar e do brincar”. A Escola 2 mantinha uma rotina semelhante ao Ensino Fundamental: filas rígidas, filas ao entrar e sair da sala; chamada no fichário do professor; na Escola 1 foi presenciado uma rotina que estava mais de acordo com a Proposta Curricular e de uma formação para a cidadania.

O brincar na educação infantil vai além de apenas brincar, vai no sentido dessa liberdade de entender as necessidades que a criança possui de se expressar, ela aprende nesse processo, uma simples ação tem o aprendizado como efeito, desde que intencionalizada. As brincadeiras são valiosas para as crianças e devem fazer parte da rotina diária nas instituições escolares direcionada para esse público. A rotina deve complementar o entrelaçamento das ações

fundamentais na educação Infantil (cuidar, educar e o brincar). A proposta deve ser direcionada para o desenvolvimento integral da criança.

A experiência na segunda escola serviu para entender a importância do planejamento, do diálogo mais preciso com os alunos, das rodas de conversas e os combinados para que todos entrem num entendimento. Foi possível evidenciar que, nem tudo que é planejado realiza-se numa sequência reta, visto que criança também, é sujeito de direitos e vontades próprias e quando eles não querem não adianta insistir pois o resultado poderá ser uma criança desestimulada e uma professora estressada.

6 REFERÊNCIAS

ACRE. **PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE RIO BRANCO**. Secretaria Municipal de Rio Branco. 2012.

CERISARA, Ana Beatriz; OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta; RIVERO, Andréa Simões; BATISTA, Rosa. **PARTILHANDO OLHARES SOBRE AS CRIANÇAS PEQUENAS**: reflexões sobre o estágio na educação infantil. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/11157/10630>>. Acesso em: 10 de Dezembro. 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **SALAS DE AULA DE ESCOLAS INFANTIS**: Domínio da fila, tempo de espera e falta de autonomia da criança. São Paulo-SP. USP, 1999.

FREIRE, Madalena. MORAIS, Regis de (Org). **SALA DE AULA**: que espaço é esse? Campinas-SP: Papirus. 21edição. 2008.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Helena Maria dos. **ESTÁGIO CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DIVERSOS OLHARES**. Univap – GT: Formação de professores/n.08. s.d. CAPES. Disponível:<<https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q>>. Acesso em: 08 de Dez. de 2016.

SOUZA, Gisele. **Educação da Infância – estar junto sem ser igual**. Conflitos e alternativas da relação da educação infantil com o ensino fundamental! Curitiba, 2008. Editora UFPR.

TAKAHASHI, Regina Toshie; FERNANDES, Maria de Fátima Prado. **Plano de aula**: conceitos e metodologia. ActaPaul. Enf., São Paulo, vol. 17, n1, 2004. Disponível em: <<file:///C:/Users/ADM/Downloads/TakahashiPlanodeAula/ConceitosMetodologia.pdf>>. Acesso em: 13 de Jul. de 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Organização Didática da Aula**: um projeto colaborativo de ação imediata. In. Aula gêneses e Dimensões, princípios e práticas/Ilma Passos Alencastro Veiga (Org.). Campinas, SP: Papirus, 2008.